

O Acolhimento das Ondas

Recontado por Eesha Sardesai

Leher estava sentada perto da água, olhando as ondas quebrando na praia. Até chegarem à areia, já eram pequenas, mal encrespando a superfície. Entretanto, lá longe, no vasto azul distante, elas seriam maiores, mais poderosas. Leher fechou os olhos, imaginando estas grandes ondas lá longe – como elas estariam se agitando e subindo, entornando-se na direção do céu.

Leher soltou um suspiro. Ela era uma dançarina, extremamente habilidosa e intuitiva quando se tratava de seu ofício. Quando estava só, ou somente com sua professora, parecia não haver limite para o que podia fazer. Rodopiava por toda a sala, fundindo-se com qualquer melodia que estivesse tocando dentro de si. Em seu movimento, havia um equilíbrio que se alternava continuamente – entre força e suavidade, de uma força natural e graça requintada.

Mesmo assim, quando subia no palco, diante de dez, vinte ou – tremia só de pensar – *centenas* de pessoas, alguma coisa mudava. De repente se apercebia de todos aqueles olhares dirigidos para ela. Imaginava o que deveriam estar pensando sobre ela; criava histórias sobre o que deveriam estar sentindo ao vê-la, completamente só no palco imenso e cavernoso. O escrutínio deles parecia um peso físico sobre seu ser, o fardo pressionando seus ombros, mãos e pés. E quando levantava aqueles mesmos pés para dançar, nenhum dos movimentos que havia ensaiado saía direito. Os ritmos, antes tão disponíveis para ela nas partículas da atmosfera, de repente ficavam inalcançáveis. Dissipados – desapareciam no ar.

A água quebrava na praia. Aqui onde morava, nesta região costeira, isolada do mundo, a areia parecia tingida de rosa, devido ao vestígio de corais que se espalhava por tantas conchas e minerais.

Neste momento, vindo de algum lugar atrás dela, ouviu uma voz.

— Leher? É você?

Leher se voltou e viu sua professora caminhando em sua direção. Era uma mulher de uma elegância e dignidade fora do comum, sua postura ativa e majestosa, seu modo de andar fluido como água.

— O que você está pensando? — a professora perguntou ao se aproximar.

Leher suspirou.

— Não posso fazer isso — disse. — Não consigo dançar na frente das pessoas. Estou começando a pensar que nunca serei capaz.

— Por que você acha isso? — a professora perguntou.

— Porque é o que tem acontecido por diversas e *diversas* vezes — Leher disse. — Cada vez que subo no palco para dançar, perco meu chão. Esqueço meus passos.

Sua professora dirigiu o olhar para a vastidão de água.

— É isso o que você está esquecendo? — perguntou tranquilamente. — Seus passos?

A professora voltou o olhar e viu a expressão intrigada no rosto de Leher.

— Talvez, ao invés de ficar pensando no que deu errado — disse a professora — você poderia voltar sua atenção... para outro lugar.

— Para outro lugar? — Leher repetiu. — Mas... para onde? Tudo que me ocorre pensar é como fico nervosa no palco.

— Seu nome é Leher — disse a professora. — O que isso significa?

— Significa... *onda* — Leher respondeu. — Como as grandes ondas do oceano.

— Sim — disse a professora. — As grandes ondas. Por que você não tenta pensar sobre elas?

E abraçou Leher pelos ombros e foi embora.

Leher ponderou o que sua professora havia acabado de dizer.

Meu nome, pensou. As ondas. As grandes ondas.

Fechou os olhos, acomodando-se no fluxo familiar e reconfortante de sua respiração. Percebeu como o ritmo de sua respiração lentamente se sincronizava com a subida, a descida e a suave quebra das ondas. *Eu sou as ondas, pensou. As grandes ondas.*

Leher começou a repetir estas palavras para si mesma. *Eu sou as ondas, eu sou as grandes ondas.* De vez em quando sua mente divagava e a imagem do palco reaparecia. Ou então, lembrava-se do sentimento de ter os olhos das pessoas sobre ela, e sua pele começava a formigar, arrepios cruzando sob sua carne, dizendo-lhe que aquilo — que *ela* — não estava segura. Nestes

momentos retornava à sua respiração. Voltava para o nome, para o seu nome.

Eu sou as ondas. Eu sou as grandes ondas.

Logo começou a ver essas ondas por detrás de seus olhos, primeiro como marolas e depois como vagalhões. Elas eram grandes, ligeiras e brincalhonas também, a água se regozijando com cada giro que fazia sobre si mesma, com cada tombo que levava em direção à praia.

Mais e mais a água subia pela areia cor de coral na mente de Leher, até que por fim, as grandes ondas surgiram. Apareceram com benevolência e ferocidade, limpando seu ser, confortando sua alma, lavando sabe-se lá quantas vidas de poeira que, por algum capricho do destino, alguma aderência persistente a um determinado padrão, ali se estabeleceram.

O amor grandioso também surgiu para ela, e pela primeira vez, deixou que viesse. Ondas após ondas de amor, as cristas enfeitadas com a luz do sol, mundos inteiros abaixo. Essas ondas eram como uma canção de ninar, ondulando em sincronia com sua respiração. Sua mente estava calma. Seu coração – podia senti-lo! – brilhou grande e resplandecente em seu peito, cada batida enviando uma cascata de afeto através de seu corpo. Como não se dera conta disso antes?

E neste espaço além do espaço, neste tempo fora do tempo, ela não precisava provar nada. Não tinha que ser coisa alguma. Não precisava de nenhuma outra história além da sua própria, aquela que estava vivendo agora, naquele exato momento. Havia somente ela e esta água infinita e ela era esta água infinita. Ela era isso, ela era Isso, ela era o sol líquido.

Leher abriu os olhos. Levantou-se, seu corpo flutuava à sua frente e ainda assim totalmente sob seu comando. Estava quase na hora.

Caminhou rapidamente em direção ao teatro, e uma vez lá, para o palco. As pessoas – sua audiência – haviam se reunido porque elas também sabiam que estava na hora.

Quando Leher olhou para o palco, tudo o que podia ver era luz. Que brilhava vindo de cima, irradiava de baixo para cima, cintilava por toda parte. Leher puxou os cabelos para trás e colocou seus adornos de tornozelo próprios de uma dançarina. Inspirou profundamente e, em seguida – sem hesitação, sem inibição, com uma compreensão conquistada com esforço sobre qual seria o seu destino e o que fora destinado para ela – saltou para a luz. De algum lugar, vindo dos céus talvez, os músicos começaram a tocar.

Os braços de Leher pairaram acima de sua cabeça. As palmas de suas mãos encurvadas, se abriram e fecharam e novamente se abriram. Seus pés flutuaram pelo chão. Com o som da água ainda em seus ouvidos, com as ondas de amor quebrando dentro de si, dançou.



© 2019 SYDA Foundation®. Todos os direitos reservados.

Esta história é inspirada em um *koan* clássico da tradição Zen Budista.